

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — EDITOR: Jose Joubert Chaves

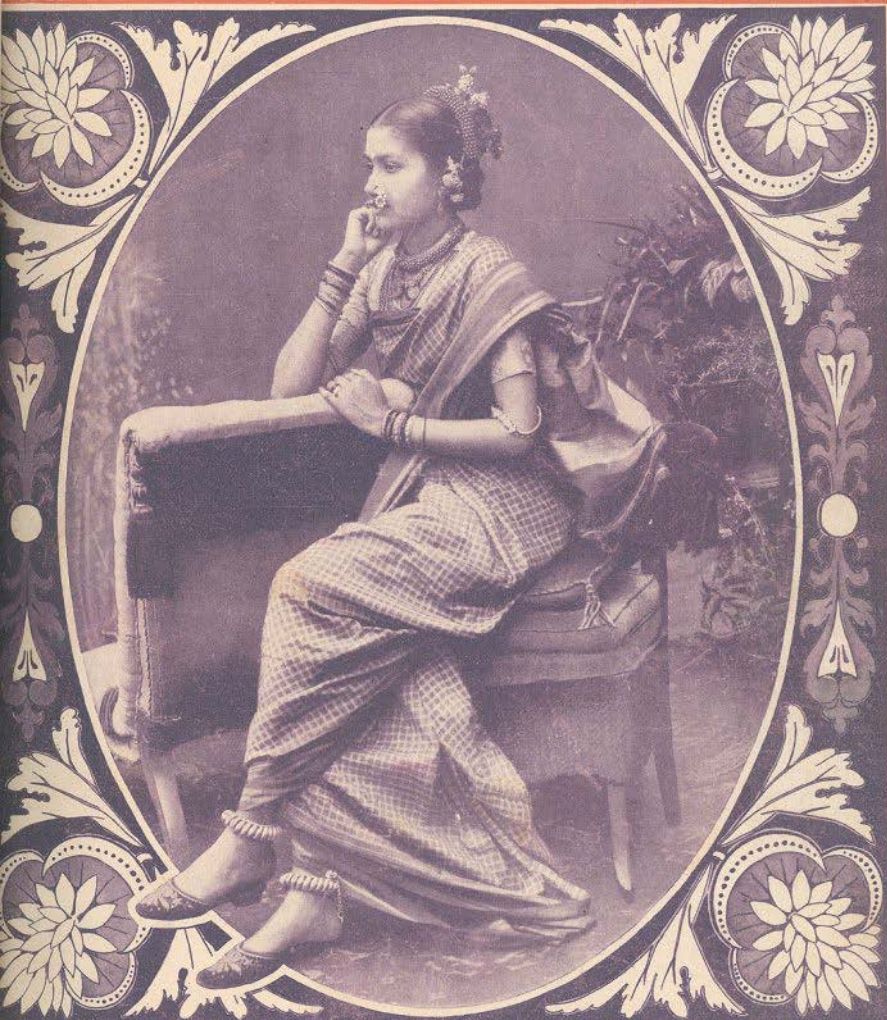
Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha

Assignatura conjunta do Século, do Supplemento Humorístico do Século e da Illustração Portuguesa

Anno..... 28.000
Semestre..... 14.000
Trimestre..... 7.000

PORTUGAL, COLONIAS E HESPAÑHA
Anno..... 8.000 | Trimestre..... 2.500
Semestre..... 4.000 | Mez (em Lisboa)..... 700

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS — Rua Focucosa



Summario

(MONSTRUOSIDADE QUE RI, COM 12 ILLUSTR.—BAILADOS DA INDIA PORTUGUEZA, COM 9 ILLUSTR.—O MEDO É UMA DOENÇA? COM 8 ILLUSTR.—OS NOSSOS ACTORES: JOAQUIM D'ALMEIDA, COM 12 ILLUSTR.—A ABERTURA SOLEMNE DAS CORTES, COM 11 ILLUSTR.—EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS FEMININOS, COM 7 ILLUSTR.—«O MAESTRO MALAPATA», COM 3 ILLUSTR.—PALMYRA BASTOS NAS «VIAGENS DE GULLIVER», COM 5 ILLUSTR.—ARMORIAL PORTUGUEZ, COM 4 ILLUSTR.)

Sedativo BEIRÃO
ANTI-DYSMENORRHEICO

É o mais adequado e seguro medicamento para todos os sofrimentos que procedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorria). Cura ou alivia as cólicas uterinas e dos ovarios, as dores redobçadas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris; vertigens, zumbidos, com ou sem ataques nervosos, histericos e outros; náuseas, vomitos, diarrheas, atabalalhamento e por acumulação de gases, a turbidez das veias das pernas e das hemorroidarias que muito incomodam as menstruações irregulares. O Sedativo Beirão actua com especialidade sobre o útero, orgãos annexos e dependentes, dá-lhes em regra movimento, regulariza as suas funções e é muito efficaz na atonia dos ovarios e na debilidade ou fraqueza do útero. É indispensavel na amenorria accidental ou suspensão súbita das regras por effeito de resfriamentos, emogios ou outros. O Sedativo Beirão contém propriedades tónicas, astringentes e antisepticas, muito efficazes para debellar o fluxo haemorrhoidal vaginal (hemorrhoida).

O Sedativo Beirão é de grand'valor therapeutico na menopausa ou cessação final das regras. Elle tonifica as fibras musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiseptico de estas visceras que, quando invertido, é origem e sustentaculo de graves perturbações gastro-intestinaes, diminua a pressão sanguinea, estabelece o equilibrio da circulação e conseqentemente melhora o perigo da superabundancia de sangue e de outras moléstias que sobrevem pela cessação final dos mestruos n'esta mudança da vida da mulher. O Sedativo Beirão não é contra indicão nas moléstias uterinas e dos ovarios que dependem de ações d'aparelho organico ou de intervenção cirurgica.

DEPOSITOS AUTORIZADOS:
Em Portugal: Pharmacia Libermann - Avenida da Liberdade, 167 - Lisboa.
Pharmacia do Padrão - Rua Formosa, 10, Porto
Inglaterra e colonias: Mc Wymar, Export Druggist, 58 e 59, Bull Mill Row London, E. C.

O principio e seguimento das minhas regras sempre regularizadas e acompanhadas de perturbações que constituem para mim um verdadeiro martyrio e muitas vezes pericia os seus effeitos.

Foi n'uma d'estas crises que o meu medico assistente, o ex.º sr. dr. Araujo Parreira me prescreveu o Sedativo Beirão. Anti-dysmenorheico, cujo remedio collimava se não fizesse outro.

Tenho repellido o uso d'este grande remedio, uma semana em cada mez, e noto com verdadeira surpresa que as regras apparecem sempre regularmente sem dores.

Nem nos remedios caseiros nem das Pharmacias jamais encontrei um alivio. Porto, rua de S. Lazaro, 126, em 30 de novembro de 1905 - Estella Aureli, Fernandes.

(Segue o reconhecimento do latellif. Antonio Borges d'Avila).

Instruções para usage em portugual, en espiagnol, en francais, en anglais, en Itali-en, en allemand, en hollandais, en russe et en hebreu.

Preço do frasco: huit francs. France pour tous les pays de l'Union postale, contre mandat de poste adressé à Pharmacia Beirão, Avenida da Liberdade 167 - Lisboa.

LICOR VEGETAL



O melhor remedio e purificador de todas as moléstias provenientes da impureza do sangue.

PREÇO
1 frasco 1\$000 réis
7 frascos 6\$000 réis

Para provincia PORTE GRATIS
Todos os pedidos devem ser feitos assim:
PHARMACIA BRAZILEIRA
15, L. de S. Domingos, 15-A LISBOA



PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES - FORNECEDORES da CASA REAL

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO
SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Proprietaria das fabricas de Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar) Penedo e Casal d'Hermio (Lousã), Valle Maior (Albergaria a Velha.)
Installadas para uma producção annual de cinco milhões de kilos de papel e dispoção dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria.
Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho.
Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forms

ESCRITÓRIOS E DEPOSITOS:
Lisboa - 270, Rua de Princesa, 275
Porto 49, Rua de Passos Manuel, 51
Endereços telegraphicos: LISBOA: COMPANHIA PRADO
PRADO-PORTO-Lisboa: Numero 14-phonico 308

Supplemento hum - rístico d'O Seculo

Propriedade da Empresa do jornal O Seculo

Recebem-se assignaturas nas agencias da Empieza.

Union Maritime e Mannheim

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transporta de qualquer natureza

A Companhia La Union y El Fenix Español, R. da Prata, 59, l.º, effectua seguros sobre a vida mediante varias condições, inclusivo o seguro denominado Popular, para o qual não é necessario certificado medico.

Directores em Lisboa

Lima Mayer & C.º
RUA DA PRATA 59 1.º
LISBOA

Monstruosidade que ri

O que era, afinal, um bobo?

Herculano responde-nos, na sua dura prosa de athleta:

O bobo foi uma entidade mysteriosa da Edade-Media. Hoje, a sua significação social é desprezível e impalpavel; mas então era um espelho que reflectia, cruelmente sincero, as feições hediondas da sociedade desordenada e incompleta. O bobo que habitava nos paços dos reis e dos barões desempenhava um terrível ministerio. Era ao mesmo tempo juiz e algoz; mas julgando sem processo, no seu fóro ultimo, e pregando, não o corpo, mas o espirito do criminoso no patro immaterial do vilipendio.



Os bobos populares — O «atelier» de um pintor hollandez do seculo XVII — Quadro de J. H. Molenaar

Conclue-se d'aqui que o bobo de côrte tinha, na sociedade medieva, um importante e valioso papel. D'onde provinha para elle esse vilor, essa força, esse prestigio social que o transformava n'um juiz implacavel? Apenas d'uma ridicula e triste cousa: do acaso da sua monstruosidade, da deformidade do seu corpo, da sua lamentosa condição de aborto posto como que á margem da especie humana. O poder d'essa singular personagem residia, por um curioso contraste, na sua propria inferioridade physica. Assim como a politica utilisava os loucos, segundo o suggestivo aphorismo moderno, — a antiga realleza utilisava largamente os degenerados e os monstros. Na Edade Media, um anão, um hydrocephalo, um gibboso, um rachitico, um degenerado, emfim, crivado de estygmas e desviado da linha pura da raça, — tinha a sua fortuna feita. Vestiam-lhe uma gualteira e uma murça vermelha cheia de guisos, atavam-lhe dois cascaveis de prata nos arthellos, mettiam-lhe na mão a palheta dourada, symbolo da sua rea-

leza transitoria, entregavam-lhe uma bexiga de porco inchada com dois ou tres feijões dentro, — e ali estava um bobo, entidade singular e paradoxal, cujo officio se resumia em fazer rir o genero humano, primeiro á custa dos seus proprios «aleijões physicos; depois á custa dos aleijões moraes de toda a gente. Tinha licença para tudo: ás cabriolas sobre o lagedo dos velhos paços ou sobre o chão de tijolo das grandes salas medievas, podia denunciar todas as miserias, descobrir todas as torpezas, accusar todos os crimes. Protegido pelo rei, pelo barão, ou pelo senhor, ninguém se atrevia a tocá-lhe com um dedo. No pleno mysterio das pesadas tapeçarias solarengas, cheias de sombra e de mentira, o bobo era a voz tranquilla e impassivel da verdade. O seu gibão multicolor, preso por uma cintura de ouro «de sancto jacob»; valia a toga negra dos juizes e a vara de prata dos pre-

bostes. Teratologicamente um monstro, socialmente um delator, politicamente uma arma, — o bobo, instituição pittoresca e secular, atravessou com o seu capuz de guisos a Edade-Media; entrou com a sua palheta dourada o limiar da Renascença; manteve-se, atravez os seculos XV e XVI, dentro da vaga philosophia e da roupa de brocado dos truaes italianos; percorreu o seculo XVII sob o gibão preto e sob a golinha branca de Velasquez; estava ainda vivo e bem vivo em Portugal nos velhos solares do seculo XVIII; e é elle ainda que nos apparece, modificado e degenerado, nos circos e colyseus do seculo XIX, sob a fórma moderna, correcta, ingleza e enfarinhada do clown.

Mas não se julgue que os bobos viviam apenas nos paços e nos solares, como attributo indispensavel da realleza e do poder temporal. Não. Além dos bobos cortezãos havia ainda os bobos populares; ao lado dos monstros que faziam rir os nobres, havia os monstros que faziam rir o povo. De condição mais humilde, simples imbecis que não tinham tido a fortuna de uma malformação ou de uma deformidade physica bem pittoresca ou bem evidente, arrastavam-se pelas povoações cantando, ladainhando, cabriolando, cogulados por uma carapuça de burel com duas enormes orelhas asininas, representando arremedi-



Um bóbo de Philippe IV por Velasquez

lhos e mimicas, in vadindo as igrejas nas festas da Epiphania, prégando sermões jocosos pelos adros e pelas praças. Mas os bobos de rua, e ainda os bobos dos conventos, pobres leigos tortos, aleijados, idiotas ou monstruosos que alegravam as comunidades, e que ás vezes — mysterio dos escrutínios conventuaes! — appareciam eleitos priores, abbades, reitores ou guardiões, constituíam por assim dizer a escória, os *bas-fonds* do truanismo e da buffoneria atravez os seculos. O verdadeiro bobo, o bobo cujo papel social foi predominante e quasi prestigioso, o bobo com insolencia, o bobo com voz activa, n'uma palavra o rei dos bobos — era o bobo dos reis, era o bobo da cõrte.

Quem foram os bobos dos reis portuguezes? Que influencia teriam exercido sobre as idéas politicas dos seus senhores? Quaes os seus nomes, a sua vida, sombra d'um documento, o acaso d'uma referen-

a sua historia? Impossivel dizel-o ao certo. Sabem-se apenas os nomes de guerra d'alguns d'elles, os mais importantes, — quatro ou cinco, quando muito. A sua physionomia, as suas anedotas, a sua propria tradição perderam-se. Não se encontra nenhum cuja figura se compare em relevo historico ás figuras de D. Sebastian de Moura, bobo de Filippe IV, um aão que teve a honra de ser retratado por Velasquez; de Nicolas Ferriat, aliás *Triboulet*, bobo celebre de Francisco I, que inspirou o genio de Hugo; do vesgo *Chicot*, bobo de Henrique IV; do proprio Hainselin Coq, velho trão de Carlos VI. De muitos d'elles existe apenas um nome; d'outros a simples designação da terra da sua naturalidade ou da sua proveniencia; d'outros ainda, a reliquia d'um incidente de vida, a



Um bobo de cõrte, no principio do seculo XV



Os bobos no seculo XVII — Um recreio da cõrte de Filippe IV

cia. Sabe-se, por exemplo, que D. Saacho I, rei barbaro que arrancava os olhos a clérigos e azorragava bispos, tinha ao seu serviço dois bobos, naturalmente de origem franceza,—um chamado *Bonanys*, outro *Acompaniado*, e que lhes doou em 1193 um casal em Poyares do Douro, com a condição de virem todos os annos à cõrte

representar perante elle um «arremedilho». Existe na Torre do Tombo (*Leitura Nova*) a copia do documento d'essa doação, em cujo final os dois bobos affirmam, como *reçora* ou confirmação da praxe: «*Nos, mimi supranominati, debemus Domino nostro Regi pro roboratione unum arremedillum.*» Sabe-se tambem que Affonso III trouxe



EL PRIMO, anão de Filippe IV de Hespanha, segundo o quadro de Velasquez, existente no museu do Prado, em Madrid

de Bolonha muitos bobos, — entre os quaes um, chamado Lourenço, a que os poetas do *Cancioneiro da Vaticana* se referem, e de quem o rei se servia como arma politica. As satyras do bobo bolonhez eram terriveis, e mais d'uma vez os fidalgos o ameaçaram de lhe quebrar a cabeça com a cithara, ou «citollão» do tempo:

«Vês, Lourenço'ra
n'assanharey
Pois mal v'entenças,
e todo farey
O citolon na cabeça
quebrar.»

D'ahi por diante, até D. Affonso V, pouco ou nada se sabe. E' possível que D. Diniz, rei crudito e *bon vivant*, tivesse o seu bobo para philosophar com elle nas horas que lhe deixavam livres o amor, a administração e o conselho: entretanto, nenhum nome nos ficou.

O mesmo pode dizer-se de D. Duarte. Nos *Documentos da Cartuxa*, onde se fala inclusivamente dos mais modestos tocadores de espineta e cantores da capella do rei, não ha uma unica referencia a bobos ou truões de côrte. Só com D. João II, nas preciosas referencias do «Cancioneiro de Rezende», apparece o bobo *Marramaque*, — mais um philosopho patusco e original do que um buão disforme à

moda italiana e hespanhola. D. Manuel, esse, levou o amor pela bufoneria mais longe; segundo nos diz Damião de Goes, tinha a sua côrte cheia de «chocarreiros, vastelhanos» e jantava familiarmente com elles à mesa. Mas a moda não pegou com D. João III e com D. Sebastião. O Paço encheu-se de terror e de sombras, de frades e de inquisidores. A' gualteira vermelha do bobo succedeu a carocha e a mitra do Santo Officio; aos guizos, o crucifixo dos frades; á murça bicolor, o sambenito.

Só mais tarde, nos seculos XVII e XVIII, o bobo renas-



O bobo — Illuminura do seculo XV — Bibliotheca Nacional de Lisboa

Magestade, — e um bobo, o celebre *D. João da Falserra*, que atravessava pomposamente a Sala das Talhas de Queluz com o espadim ao lado e a casaca estrelada pelas grã-cruzes de todas as ordens de Portugal. E não era só no Paço que havia bobos; houve-os tambem nas grandes casas fidalgas durante todo o seculo XVIII, — a casa Marialva, a casa Soure, a casa Alegrete e

Villar Maior, a casa dos marquezes de Gouvêa. O bobo do velho marquez de Marialva era um boticario muito magro e muito triste, sempre vestido de preto, que Beckford descreve fugitivamente nas suas cartas, d'envolia com os pequenotes alados d'anjos que sempre acompanhavam esse grande devasso patriarchal. No que toca ao bobo dos marquezes de Gouvêa, o celebre *Benito Antonio*, um degenerado hydrocephalo e poeta, todo vestido de verde e rodeado de gatos, haveria talvez assumpto para encher, não, um simples artigo, mas uma monographia extensa e in-



Um bobo de côrte na Idade Media



Um bóbo do século XIV

com grande gaudio dos garotos que o seguiam e apupavam. Este bom frade tinha um verdadeiro horror ás corridas de touros, que então se realisavam com esplendor fidalgo no Terreiro do Paço e no Rocio; e d'uma vez, ao pregar um sermão em Xabregas em dia de corrida, vendo que o espectáculo distrahiria os fieis e que poucos eram os que o escutavam, sahiu-se com esta, furioso, ao subir para o pulpito:

— Está tudo com os cornos, e a casa de Deus sem ninguem?

Ao frade marianno succediam na aura popular dois insi-

teressantissima.

Estes eram os bobos da corte. E os bobos plebeus? Os bobos da rua? De quantos nos resta a tradição dos séculos XVIII e XIX! O mais curioso e o mais typico de todos foi sem duvida o *Poeta de Xabregas*, um frade marianno obeso que no meado do século XVIII percorria as mais remotas viellas, betegas e alfurjas, conduzindo um relicario e uma imagem da Virgem, e pregando sermões pelas egrejas e pelas praças,

gnos patuscos, a que ao de leve Antonio Diniz da Cruz e Silva se refere no *Hyssope*. Foram os dois celebres «bobo de rua» do tempo, o *D. Felix* e o *Caturra*. Os garotos perseguiram-nos; os coches e berlindas que passavam, com as sécias empenachadas e polvilhadas, suspendiam a marcha para assistir ás caretas e ás cabriolas de *D. Felix*: os peraltas do tempo, bastava vê-los, mettiam logo a mão á algibeira a buscar tres vintens de prata, e mandavam-nos cantar versos fesceninos capazes de fazer corar um granaeiro de Wellington. Pouco tempo depois, em pleno fim do século, no periodo agudo dos catés, quando as



Um bóbo do século XIII



D. Sebastião de Mora, bóbo de Philippe IV de Hespanha, gravura de Goya segundo o retrato de Velasquez (Palacio Real de Madrid)

luminarias inventadas por Pina Manique divertiam o povo e as mesas do *Nicola*, do *Grego*, do *José Pedro* se apinhavam de jarretas, de peraltas, de francelhos, appareceu outro truaão celebre, o *Pax Vobis*, especie de anão vestido d'uma enorme casaca encarnada, que tinha livre transito, pelos botequins e corria as ruas commandando um verdadeiro exercito de garotos e resmo-nando para toda a gente:

— *Pax vobis!*
Pax vobis!

Mais tarde, em 1840, com a mocidade dourada do Niza, do Pinto Carneiro, do Vimioso, do Ca-



Um bóbo das ruas do século XVIII: O celebre poeta de Nabregas, frade mariano
(De um retrato existente na Bibliotheca Nacional)

susa, com as partidas da Severa e as pataedas de S. Carlos, veio o *Anão dos Assobios*, — outro anão mestre em bufoneria, cuja especialidade eram uns assobios estridentes dados com dois dedos mettidos na bocca, e que andava sempre de sobrecasca de briche e chapéu alto enorme e felpudo. Foi este monstro de nanismo, meudo como uma creança de mama, verdadeira hypothese de homem, que o marquez de Niza e o Pinto Carneiro metteram uma noite á força na roda da Misericordia, como um recém-nascido. Imagine-se o pasmo da rodeira, ao vêr sair de lá de dentro, esbaforido, rubro de colera e com o chapéu alto amolgado, o *Anão dos Assobios*!

Além d'estas, quantas outras figuras populares não teem alegrado a vida das ruas, desde o *Sauzier*, que escrevia cartas de namoro a gallegos por um pataco, embrulhado na sua immensa gravata de espeque, até ao preto *Assemblea* que nas paradas caminhava á frente dos porta-machados, — desde o moderno *Rei da Madureza* que morreu asphyxiado n'um pobre casinholo das Bernardas, até ao modernissimo *Tim* das flores, que a estas horas faz as delicias do Bairro Alto... a menos que não esteja aferrolhado no Limoeiro!

Mas não foi só

para as ruas, para as praças, para a *plebs pulla* que derivaram os velhos bobos da corte, — instituição palaciana anachronica que a bem dizer terminou no fim do seculo XVII. Foi tambem para o theatro. Deslocado dos paços, onde perdera a sua fórma typica, o bobo democratizou-se, industrializou-se, e começou a apparecer nas *mogingangas*, — espectaculos que varias companhias de comicos ambulantes davam no seculo XVII e XVIII na corte e nas provincias. O seu papel consistia exclusivamente em pantomimar, terminada a representação, todo embotijado de bexigas de porco por sob o gibão amplo e multicolor, e em deixar-se cair no tablado estoirando as bexigas com o peso, no meio do alarido da assistencia que batia as palmas e delirava de entusiasmo. Era ainda a bexiga symbolica do bobo medioevo, perdurando através os tempos. Mas o mais curioso é que este espectaculo barbaro e idiota existia ainda entre nós no fim do seculo XVIII: as peças do theatro da Mouraria, que o talento do Judeu celebrou, acabavam sempre pela exhibição do «gracioso das bexigas». O *Antonio Antunes*, o *Tortinho da Se*, foram em Lisboa, durante o reinado de D. Maria I, os mais celebres bobos de theatro. No Porto houve tambem no seculo XVIII um truaõ muito celebre, o *Esteveiro*,



O año dos Assobios —
typo popular
da Lisboa de 1840

a quem se refere o bispo do Grão Pará nas suas *Memorias*, a respeito d'uma resposta terminante de la por elle a um espadachim que o desafiára. Mas esses grandes truaõs não deixaram successores. Com o advento do seculo XIX, o theatro modernisa-se, civilisa-se; o bôbo desaparece das representações, pelo menos na sua fórma clara, ostensiva e monstruosa; o cothurno classico substitue o cascavel de prata; o capuz vermelho de *D. Bibas* ou os guizos d'ouro de *Triboulet*, só pela mão poderosa do Romantismo vêem de novo o estrado de um palco. Em compensação, se os theatros se fecham para o bôbo, abrem-se-lhe os colyseus e os circos. A Inglaterra e a America do Norte, em cujas tradições havia os bôbos de Shakespeare e o celebre *Hop Frog*, do conto terrivel de Poe, atiram para o pasmõ da Europa o primeiro *clown*. Billy Hayden, o rei de todos os palhaços, o creador do *clown* enfarinhado e fleumatico, troçando das *ecuyères*; rindo do proprio publico, revolucionou em todos os circos a pacatez latina e regressa a Londres tendo feito mais successo do que o maior dos actores. D'ahi por diante, o velho bôbo da corte, de palheta dourada e capuz assim-auricular, teve o seu futuro na civilização moderna. O *clown Footit*, mais tarde o *clown* negro *Chocolact*,

por ultimo o año *Little Tich*, foram, em todos os colyseus do mundo, verdadeiros bôbos do povo. A um dos modernos e mais illustres palhaços ingleses, *Dan Leno*, que ha pouco tempo fez as celebres transformações instantaneas diante de Eduardo VII, acaba o rei de Inglaterra de offerecer um diamante



Um bôbo popular dos nossos dias—O «Rei da Madureza», pregando um sermão



Um bôbo moderno; Dan Leno

A arte da caracterisação, das transformações instantâneas e caricaturaes e da mobilidade physionomica foi levada a taes extremos de perfeição por Dan Leno, que, em seguida a uma representação no palacio real, na presença de Eduardo VII, este lhe concedeu o uso honorifico do velho titulo de «King's jester» (bobo do rei)



O «clown» Little Tich

Parodiando as celebridades do dia com os mais extravagantes e burlescos aspectos, o anão Little Tich é tanto um prodigioso mimico como um extraordinario acrobata. Os seus sapatos, espantosamente compridos, permittem-lhe inclinar-se ao ponto de fazer com o solo um angulo de 30 graus

enorme e o titulo *King's jester*, — bôbo do rei.

D'onde se conclue que os bobos dos reis e os bôbos do povo existem ainda, em pleno

seculo XX, como existiam na remota e barbara Edade-Media. Ou o homem não fosse, anthropologicamente, um animal que ris...



Os bôbos modernos—A celebre «troupe» Price



SCENAS DE BAILE NA TERRA DOS LAUDINS KALAWONTAS E MANDÓS CHRISTAOS

BAILADOS DA INDIA PORTUGUEZA

A atmospha é fumosa no recinto estreito...

Uma escada hirta mergulha no rez-dochão. O soalho de taboas mal unidas reveste-se de uma larga esteira sarapintada.

No tecto de mau apainelado ha festões suspensos e ennegrecidos pelo fumo das candeias tremulas.

Poucas cadeiras vacilantes e um largo *fau-teuil* oriental, de encosto baixo e profundo.

Na parede rugosa, em *vis-à-vis* symetrico, El-Rei D. Carlos e a Senhora D. Amelia empallidecem ro seu colorido amarello, nos pobres caixilhos de dourado esmaecido.

Estampas de Bombay envernizadas e de um colorido irritante expõem as faces sauda-

veis do Principe de Galles ou as tumidas pomettas rosadas do King Edward.

O pó fluctua no ar e agglomera-se no entrancado da esteira velha.

N'aquella hora adiantada, apenas pelas janellas abertas sobre o palmar escuro entra a grande vibração do silencio.

... Na cidade além, as *soirées* morrem e o calor extenuante pesa.

O sibillo indeciso do vento morto complica os seus finos murmúrios com o palpitir continuo e vago da folhagem.

Com as lampadas que ondeiam, as sombras balouçam-se pelo quarto n'uma farandola muda. No chão, acorçados contra a parede onde correm fendas sinuosas, dois gentios anicham-se.



KAMA E SITÁ (RAMAYANA)

Um tem diante a *murdanga* nuançada de circulos sonoros na pelle tensa, outro aperta amorosamente o *saranguai* complicado em que uma essencia de violino se corrompe em requintes de instrumento barbaro.

Emquanto se aguarda a função, os cranios semirapados e polidos, em que os penachos de cabello sobrelevam livres do gorro dourado, inclinam-se-lhes para o chão meditativamente.

Entre os supercilios o risco negro de casta inferior marca uma intenção incisiva e extranha.

Os dorsos arejam, livres de pannos, e, sobre os peitoraes placidos da graça organicamente debil, corre o cordão tradicional que desde a infancia não largam e que lhes é um distico de virilidade.

Nas pernas cruzadas os musculos finos resabem pela posição, e a pelle de um amarello pardacento distende-se luzidia, marcada pelas proeminencias luminosas dos tornozellos.

Adiante, aos pares, as sandalias grosseiras em que as correias pendem alinham-se no sobrado.

Na cara macerada e amarelenta ha por vezes protuberancias de obesidade má e a bocca, de labios redondos e salientes, tem simultaneamente a feição sensual, facil e humilde que é tão característica expressão do indio do povo.

Mas Djataceri, a bailadeira, entra, e a minha vista distrahe-se.

A voluptuosa mulher é alta, como a *Torve de David*.

A pelle leitosa e de um opalino baço, de uma rica *nuance* ambarina e quente, envolve-lhe preciosamente a redondeza escultural dos braços cheios, afoga-lhe n'uma sombra translucida e quente o declive palpitante do collo de onde uma fortissima expiração de sandalo se exhala.

Direita como uma palmeira gracil, o corpo de uma simosidade harmonica inflecte-se-lhe n'um equilibrio nitido de curvas.

A cabeça redonda e pequena enquadra-se-lhe de festões symetricos da cabelleira opulenta, entrecortados de lampejos de preciosas mostras de joalheria nativa.

Grossas correntes de ouro tilintam-lhe pendentes da nuca. Pinhas volumosas de perolas, que suam uma luz lactea, oscillam-lhe nas orelhas.

Na *attache* resumida das mãos gordas e perfeitas, em cujos dedos se encontra o corte são de uma extremidade estatuarica, entrechocam-se coruscantes manilhas de ouro.

Nos tornozellos onde se afunila um tanto das pernas redondas a curva perfeita e rythmica, braceletes complicados põem uma nota de



RICHA MULHER GENTILICA EM TRAJE ANALOGO AO DA BAILADEIRA

voluptuosidade selvagem.

Os dedos das mãos scintillam de aneis.

Os dedos dos pés relampejam de pedrarias.

O seu busto, de uma carnacção exuberante, avulta e ondeia dentro do largo panno escarlata e ouro que a encobre toda.

Sobre o vermelho intenso, correm os esfusiamentos deslumbrantes dos bordados de flores de ouro onde a luz fica e rebrinca, e dentro d'aquelle sumptuoso envoltorio de lenda, como dentro de uma mumia thebana, nem se perde a graciosa modelação das côxas voluptuosas nem a lisura inflada e rara de espelho.

d'Il ventre piano

Na redondeza florida do peito em que se mostra a exuberancia da mulher primitiva e livre, a seda illuminada detem-se e predomina e na reintrancia da cinta graciosa ha uma como que intercadencia harmonica no jogo equilibrado das curvas.

E a linda mulher avança.

Atraz, como nos desenhos de um bailado grego, seguem duas kalawontas secundarias.

Feias ambas, coitaditas, deixa uma arrastar um formoso panno azul celeste.

A outra enrola-se n'um vulgar manto vinoso e apagado.

Na primeira, em destaque na tez de ambar anegrado, avultam as pometas coloridas. As cordoveias do pescoço alto torsionam-se em relevo.

A bocca enquadra-se-lhe de faces coradas em que correm os riscos sanguineos e febris de uma tysica abafada.

Na bocca, que sorri, os dentes luzem de uma brançura de márfitm novo, calçados de gengivas longas e pallidas.

Nos bracos, de uma desgraciosidade miseravel, as manilhas largas pen-



UMA BILADEIRA DE GOA

As mãos são delgadas e nodosas, o collo alinhase plano, bruscamente esquinado pela saliencia do sterno proeminando no peito fragil.

Dentro do lindo panno azul o corpo definhado alonga-se sem um contorno.

Nos tornozellos os braceletes tristes descahem.

A outra, no seu panno vinoso e surdo, tem a delimitação vulgar de uma india incarakteristica e faminta.

Sobre este fundo de miseria organica, a esplendida creatura avança na sua viçosa e esplendente carnadura patinada pelo clima, de um saboroso tom



GRUPO DE BILADEIRAS DE GOA PROMPTAS PARA DANÇAR. NOS EXTREMOS DOIS GENTIOS SUSTENTAM O «SARANGHUI» E A «MURDANGA» (INSTRUMENTOS DE MUSICA GENTILICOS)

de estatueta pompeiana.

E no fundo de murmúrios plangentes do *saranghi* que o gentio desperto toca amorosamente, sobre o compasso que a *murdanga* sonora fere n'um rythmo de contratempo que tem subitos e nervosos *crecendos*, pausas languidas e tranquillos momentos de adagio mystico, Djaíaceri dança, escollada pelas duas companheiras.

O longo panno vermelho descido mostra o pequenino *bolero* amaneirado em que o outro sempre profusamente corre.

O busto torcido, os pés hirtos sobre os dedos, as mãos reviradas n'uma attitude que vagamente me evoca a *pose* de um *derviche tourneur*, a bailadeira sorridente tem lentos movimentos de progressão e de recuo, em que saltos intervallados por vezes fixam attitudes extranhas.

Toda a sua contorsionada *pose* tão característica de bailado oriental me faz lembrar idolos hieraticos e velhos que a cada passo se exhumam de escavações e onde a mesma musica languida de attitudes tão nitidamente se observa.

E acompanhando a dansa voluptuosa e mole, canta, cantam todos uma doce canção hindustanica.

Teri meri diz o começo. *Tu e eu...* amoroso colloquio de dois apaixonados balbuciado n'a que lla lingua eterna que em todos os climas se molda uma musica igual.

E todo o velho Orien-



A INDIA GRAVE — FAMILIA PERSANE

te dos symbolos e das paixões transcendentales se me desdobra aos olhos da alma pela bocca d'aquella semi-deusa da luxuria.

Na fecundação insistente do calor, na embriaguez da flora capitosas, nos perfumes violentos dos fructos, depressa se attinge no amor aquelle grau de identificação suprema que n'um campo de mero idealismo theologico engendra as volupias annihiiladoras do Nirvana, nupcias de morte com o supremo Deus...

A minha idealisação febril desce com a magua que me produz o aspecto doloroso da bailadeira tísica, os olhos injectados de sangue, o pescoço alteado e torcido na ancia de vibrar as notas altas da canção.

Aquella breve conhecerá o subsolo das prodigiosas lendas e o substractum dos symbolos transcendentales!

A pobre!!

Djaíaceri canta uns trechos da Çakuntalá, dialogo cheio de graça e de mimica perfeita em que o motivo do ciume rola como n'um drama wagneriano passa um thema conductor.

Depois é um *launum* da sua composição... fructo de uma hora de calor e de

sonho extatico, em que fluctua toda a graça chorosa d'uma *malagueña*, qualquer cousa da melancolia peninsular.

É scismo, olhando a linda cantadeira, em que n'aquella pelle de um tom claro e quente e nas linhas arycas da sua mascara intelligente



TRES GENTIAS DE DISTINÇÃO

alguma gotta correrá talvez do nosso sangue amoroso e fatalista que, em todo o mundo, tanta mulher nas épocas rubras de navegação e de conquista capitosamente bebeu...

Ficou-me da noite de bailado uma recordação melancólica e dourada.

Mais tarde, n'uma casa de descendentes aristocraticos, cercado de facesinhas brancas d'aquella pallidez lactea e unica que os recruzamentos ciosos de raça tão preciosamente mantem, ouvindo murmurar a *mezzo-voce* um *mandô* (canta dos christãos), com o seu rhythmo batido de palmas a contratempo e de uma melodia tão fun-



UMA FORMOSA BAILADITIKA GOANEZA.

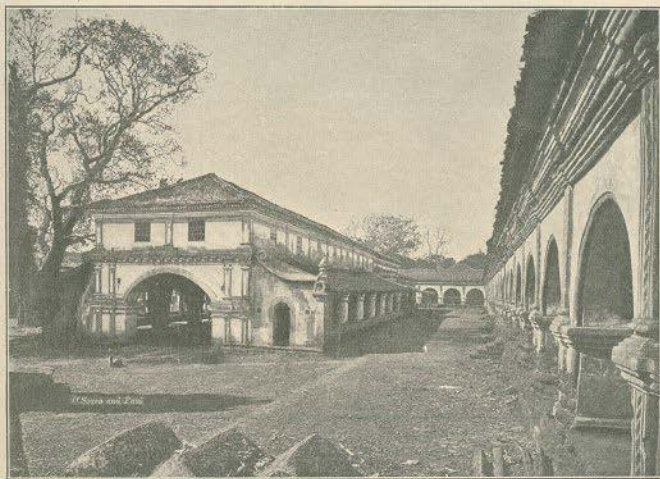
damente portugueza e elegiaca, passou-me no espirito a visão d'aquella noite vermelha de baile gentílico.

Na reminiscencia esvoaçaram-me os mantos dourados das kalawontas e tilintaram-me nos ouvidos os sons das manilhas tremulas...

Subjugado porém pela harmonia calma do *mandô* e sereno pelo concerto de vozes tristes e melodiosas que em torno a mim labios graciosos e finos murmuravam, senti que na minha alma uma voz clamava como Heinrich von Tannhäuser no concerto de Wartburgo.

Moi aussi. J'ai été au Venus Berg!

JOSÉ J. RODRIGUES.



PAGODE GENTILICO DE DARGALIM NA CASSABÉ DE PERNEM



O SAQUE DE UM CASTELLO NO SEculo XIV—QUADRO DE ROCHEGROSSE

o medo é uma doença?

Quanto acontecimento estranho, que de excentricidades, que de empolgantes situações nos offerecem, no longo decurso da historia, as manifestações do medo! Porque o medo é uma verdadeira doença, que se symptomatiza por perturbações e desordens innumeraveis e de todas as especies, tanto physicas como moraes. Mas o mais extraordinario é que, em grande parte, somos nós mesmos os responsaveis pelas devastações committidas pelo medo. Muitas vezes inoculamos á creança o germen da temerosa doença, cultivamo-la e desenvolvemo-la com uma educação erronea e absurda. E' pois indispensavel reagir contra estas praticas detestaveis e preparar desde cedo, na creança, o desenvolvimento benefico das qualidades de sangue-frio, de presença de espirito e de dominio sobre nós proprios, tão indispensaveis ao homem

HEROES ÀS AVESSAS—MEDROSOS E FANFARRÕES

Este animal é triste... disse La Fontaine. O animal triste e o triste animal de que fala o fabulista incomparavel não é outro senão o poltrão. A verdade é que a enfermidade do medo é das mais intoleraveis e outra não existe peor do que ella. O medo! E' elle que espalha na existencia dos que lhe estão subordinados a mais dolorosa sombra; é elle que faz passar aos que um dia o experimentaram os mais atrozos momentos. O medo compromette as mais bellas qualidades, paralyza o espirito, inutilisa os dotes os mais maravilhosos. O medo, depois de martyrisar as suas victimas, torna-as ainda despresiveis e ridiculas.

Sempre, em todos os tempos, os poltrões foram escarnecidos. A epopéa antiga põe ao lado do bravo Achilles o covarde Thersito. Cervantes dá para companheiro ao cavalheiresco D. Quixote o prudente Sancho Pança, e Molière dá como creado ao intrepido D. Juan o pusilanime Sganarello. Quem não

conhece a scena famosa em que o amo e o creado ceiam com a estatua do Comendador, e se não lembra da attitude de desafio do primeiro e do lamentavel pavor do segundo:

DON JUAN, a Sganarello — Vamos! Senta-te á mesa.

SGANARELLO — Meu senhor, não tenho fome.

DON JUAN — Senta-te, já te disse. Bebamos á saude do Comendador.

SGANARELLO — Senhor, não tenho sede.

DON JUAN — Bebe e canta para divertir o Comendador.

SGANARELLO — Meu senhor, estou constipado...

Nunca o medo nos parece mais ridiculo do que quando o encontramos n'um fanfarrão. Qualquer actor comico tem a certeza de fazer rir o seu publico apresentando-lhe um fanfarrão a tremer de medo.

Shakespeare não o ignorava. D'aí o papel que nas *Alegres Comadres de Windsor* faz representar a Falstaff, esse capitão de quadrilhões, tão pimpão de lingua como borracho de whisky. Um dia, as comadres convencem-no de que a casa está cercada, de que o veem prender. Que fazer? Como fugir? Ha

apenas um cesto de roupa suja onde possa esconder-se o famoso heroe.

— Vamos lá a vêr isso! exclama Falstaff, livido de medo. Que remedio, se não ha outro recurso...

— O quê! Vós, sr. John Falstaff! ...

— Eu proprio, pois então!

E, sem mais explicações, o valente enfia por entre a roupa suja. Salvou-se, mas por que preço vil! Elle mesmo o conta:— «Soffri um triplice supplicio. Primeiro, um medo atroz de ser descoberto; depois a

dade. Assim os poltrões tornam-se carrascos com medo de serem victimas.

PHYSIOLOGIA DE UM SENTIMENTO—PO-DE-SE MORRER DE MEDO?

Para assim alterar o caracter, corromper os sentimentos e abalar até aos alicerces da alma um ser humano, o medo é pois uma enfermidade? De facto, é uma

doença, cujos symptomas se podem constatar e cujos progressos se podem seguir no organismo, como os da febre typhoide ou os da peste. E' directamente sobre os nervos que se faz sentir a acção do medo; depois, por seu intermedio, todas as nossas faculdades são attingidas, a principiar pela do movimento. De umas vezes, o medo excita os nervos a tal extremo, que nos obriga a correr e a fugir; de outras vezes, pelo contrario, agita-os com tremores convulsivos, paralyzando-nos. Ao mesmo tempo os vasos capilares que conduzem o sangue á epiderme contraem-se ou dilatam-se. Vê-se então o rosto empallidecer ou ruborizar-se. Os nervos deixam de dominar no coração, cujas palpações se acceleram com o as de um relógio louco. Insensivelmente gritaes por soccorro ou inutil-



O ASSASSÍNIO DO IMPERADOR GÉTA (ANNO 212 DA ERA DE CHRISTO) — QUADRO DE ROCHEGROSSE

tortura de me sentir dobrado como uma lamina de Bilbao, com a ponta nos copos, os dentes nos calcanhães; finalmente o incommodo de me conservar, esmagado como um limão, entre farrapos fetidos. E isto um homem da minha gerarchia e prosapia!»

Rabelais, conhecedor profundo das misérias humanas, não se esqueceu de traçar o retrato do medo. O seu poltrão é Panurgio. E em todas as litteraturas esse contraste da valentia e da pusillanidade é um dos recursos favoritos dos comedigraphos e dos poetas satyricos. Gil Vicente em muitos dos seus autos, D. Francisco Manuel de Mello no seu *Fidalgo Aprendiz*, Camillo no seu *Morgado de Fafe*, exploraram o fanfarrão e o medroso como esplendidas personagens de comedia.

E ainda se o medo nos tornasse apenas ridiculos e lastimaveis! Mas o medo torna-nos odiosos, tornando-nos cruéis. O homem medroso é capaz das acções mais atrozes. Um filho denuncia a mãe, como fez o poeta Luciano. Um principe sem maldade, de genio affavel, commettido de medo, entrega os amigos ao carrasco, como fez Gastão d'Orleans. Durante a revolução franceza, a maior parte dos crimes foi perpetrada sob o imperio do medo, por assembléas ou individuos receiosos de serem accusados de pie-

mente procuraes emitir um som vocal. Os nervos do apparelho respiratorio e os dos órgãos vocaes são impressionados como os do coração. Juntae a isso as contrações musculares da face, o rictus do pavor, o olhar desvaireado ou a immobildade e o estupor cadavericos e tereis abrangido todo o quadro symptomatico do medo.

A antiguidade, essencialmente analysta, observára já estes symptomas e traduzira-os em impressionantes lendas. Assim, por exemplo, a de Medusa. Irritada contra ella, Minerva transformára os cabellos formosissimos de Medusa em temerosas serpentes; cortara-lhe depois a cabeça e pendurara-a no umbro do seu escudo. Todos quantos a viam cahiam petrificados.

De facto, as perturbações physiologicas causadas pelo medo podem causar a morte. A historia do coiveiro, que caiu morto, imaginando, ao sentir-se preso por um ramo d'arvore, que um cadaver o puxava para a sua cova, é authentica. Os annaes tenebrosos da inquisição, em Portugal e Hespanha, estão cheios d'essas mortes causadas pelo pavor de morrer. Mais do que nenhum, os cirurgiões sabem quanto é falso o dictado: *ninguem morre de medo*. Quantas vezes o terror lhes mata o paciente que elles se prepara-

vam para curar! Um doente a quem Dusault ia operar foi trazido um dia ao amphitheatro do Hotel-Dieu. O grande cirurgião indicou aos discípulos, com a unha, sobre a pelle do enfermo, a linha que deveria seguir a incisão. O doente exhalou um suspiro e morreu! Porta, o famoso cirurgião de Pavia, quando um doente lhe morria nas mãos, arremessava os bisturis ao chão e injuriava o cadaver, exclamando: «Morreu de medo, o covarde!» — quando muitas vezes não era o medo que o matava.

Mas cousa mais singular ainda: pode-se morrer de medo por persuasão! N'uma loja maçônica, uns graciosos de mau gosto lembraram-se uma noite de convencer um iniciado ingenuo de que ia ser decapitado. Fizeram-no entrar n'um aposento lugubre, onde havia um cepo e um machado. Vendaram-lhe os olhos, ligaram-lhe as mãos, fizeram-no ajoelhar à força, pousar a cabeça no cepo. Então, um dos espirituosos pega ruidosamente no machado e outro deixa cair ao mesmo tempo sobre o pescoço nu da victima um lenço molhado. Quando, terminada a sinistra brincadeira, desvendaram o infeliz, encontraram um cadaver!

EM PLENO DOMINIO DO ABSURDO — CASOS SINGULARES E PHENOMENOS EXTRAVAGANTES

Nada ha de mais estranho e por vezes de mais absurdo que as causas e as con-



O ASSASSINIO DE GAUDRI, BISPO DE LION, EM 1160 — COMPOZIÇÃO DE A. DE NEVILLE



O MECANISMO DO MEDO — O FAVOR

Pela contração que provoca nos musculos faciaes, o medo transiçiona por completo a physionomia. Esta photographia mostra como, impressionando os musculos por meio de electrôdes, se pôde dar ao rosto de um paralytico a expressão trágica do pavor. (Experiencias do dr. Duchesne)

sequencias do medo. Ha gente que tem medo de uma barata ou de um rato. Ha gente que empalidece ao ver uma gotta de sangue, que desmaia ao ouvir um tiro. Os exemplos conhecidos d'estas singularidades são em numero infinito. Erasmo não podia suportar o cheiro das lentilhas e do peixe

sem que lhe sobreviesse febre. Scaliger tremia com varas verdes à vista de um punhado de agriões. Baylo tinha convulsões ao ouvir o ruído da agua sahindo de uma torneira. O chancellor Bacon desmaia com um eclipse de lua.

A medicina organisou a lista d'estes medos doentios e classificou-os com o nome generico de *phobias*. Uma das mais communs é o medo das trovoadas. E' conhecida a celebre resposta dos gaulezes ao senado romano: «Só tememos uma cousa: que o céu nos caia sobre a cabeça!» O imperador Caligula, quando trovejava, dirigia ameaças ao céu com os punhos cerrados e gritava-lhe: «Mata-me ou eu te mato!» Mas quem duvidaria de que o grande Augusto tinha o mesmo terror insensato do trovão e dos relampagos? O sapiente e poderoso Cesar, quando ouvia trovejar, refugiava-se n'um subterraneo e para se garantir contra os raios trazia sempre consigo uma pelle de phoca. Este terror viera-lhe de um incidente na guerra contra os cantabrios. Durante uma noite de marcha, na floresta, vira um raio cair diante da sua liteira e matar o escravo que conduzia o facho.

O medo da agua é um dos mais frequentes. Ha pessoas para quem o passar uma ponte é uma acção heroica e até impraticavel. Ainda hoje, apesar de todas as prevenções, alguns passageiros embarcam e desembarcam em Villa Nova de Gaya para não passarem a ponte D. Maria Pia sobre o Douro!

Duas phobias contrarias são igualmente vulgarissimas: o medo da solidão e o medo das multidões. Esta ultima vemol-a todos os dias manifestar-se na gente do campo ao desembarcar n'uma cidade. O rumor das ruas, o vaevem continuo dos transeuntes, o rodar dos trens, o deslizar rapidissimo dos electricos atemorisa-os e atordoa-os. Os homens de gabinete, habitua-dos a viver no abstracto dominio das idéas, teem communmente o terror dos contactos com a realidade. O philosopho inglez Carlyle tinha que se preparar com grande antecedencia para usar entrar n'uma loja. A idéa de ter de comprar umas luvas aniquilava-o. O seu casamento foi adiado durante annos ante o inadmissivel facto de lhe ser indispensavel regressar a Londres sósinho com sua noiva!

Mas o mais curioso talvez dos aspectos de que a doença do medo pode revestir-se é o medo de estar

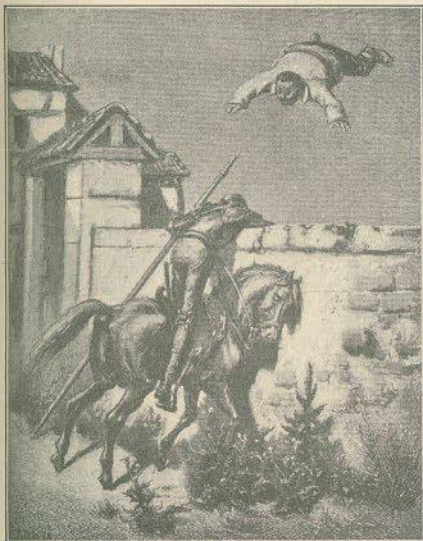


O ENTERRADO VIVO—ESCUPTURA DE FOURBET

doente. Numerosa categoria, esta, dos doentes imaginarios! Não serás tu, leitor, um d'estes doentes imaginarios, que massacram os medicos com as suas lastimas, que fazem prosperar as pharmacias, para quem tudo é suspeito: a agua que pode estar infectada de germens typhoides, o leite que pode estar tuberculizado, o ar que está carregado de bacillos? Averiguou-se que o doente imaginario é a victima predestinada das epidemias. O medo do cholera enterra mais gente que o proprio cholera.

Longe de nós o pretendemos enumerar toda a serie infindavel d'estas extravagancias pathologicas. Mas não deixaremos de citar a historia d'aquelle pobre parochio allemão, que tinha a vertigem... do céu! O aereo abysmo azul aturdia-o. Um medico aconselhou-o a nunca sahir sem o guarda-chuva aberto. Este expediente trouxe-lhe o socego e a salvação!

Que dizer do medo dos actores, dos oradores, dos escriptores dramaticos: esse receio invencivel, ás vezes obstinado, a que os francezes chamam *le trac* e a que não escapam os mais illustres comediantes, os mais eminentes advogados e politicos? No nosso theatro é velho costume que os actores se benzam, antes de entrar em scena, na primeira representação de uma peça. Seria um nunca acabar se tentassemos recordar e passar em revista os factos succedidos nos nossos theatros, nos nossos tribunaes e no nosso parlamento, reveladores d'este estado morbido, a que se chama o medo. Deputados que desmaiam, grandes oradores que gaguejam e acabam por sentar-se sem articular uma palavra, advogados que succumbem, delegados do Ministerio Publico que desertam da sala da audiencia, conferentes que adoecem duas horas antes da conferencia... Que de historias, que de anecdotas, que de elementos para a confecção de uma sensacional historia do medo! E não se vá cuidar que são os homens desprovidos de talento os que mais estão sujeitos a essa amnesia da coragem. Cicero, o maior dos advogados, n'uma hora solemne, foi atacado, na tribuna, pelo medo, quando defen-



UM EPISÓDIO DO D. QUIXOTE—DESENHO DE GUSTAVO DORÉ

dia o espadachim Nilon, accusado de haver morto um outro espadachim, Clodio. Para conter a multidão, a tropa cercara a tribuna. Impressionado por aquelle apparatus militar, quando Cicero se ergueu para fallar titubeou, embulharam-se-lhe as palavras e o seu cliente foi, por sua culpa, condemnado. Meilhac, já celebre e favorito do publico, soluçava nervosamente, entre bastidores, na *première* das suas peças. N'um dos seus livros encantadores, Daudet conta-nos como passou na rua, sem ousar entrar no theatro onde se estava jogando o seu futuro, a noite da primeira representação da sua primeira peça. Balzac, o forte Balzac, tremia como uma criança, escondido n'um camarim. O medo é pois uma enfermidade que ataca as organizações mais resistentes e a que não podem ás vezes eximir-se as mais poderosas intelligencias.



UM AUTO DE FÉ — QUADRO DE ROBERT FLEURY

O CONTAGIO DO MEDO—O PANICO DAS MULTIDÕES—O MEDO CURADO PELO MEDO

Como todas as doenças nervosas, o medo é contagioso e propaga-se ás multidões com a assoladora rapidez de um incendio. Quantas vezes o panico alterou a sorte de uma batalha! Um grito, o *salve-se quem puder*, basta para deslocar fileiras que permaneciam unidas debaixo da metralha. Um historiadôr latino conta que de uma vez, n'uma batalha em que Germanico era commandante, os dois exercitos adversarios recuaram e fugiram ao mesmo tempo. A historia das nossas conquistas está cheia de episodios onde intervem o medo. Bastava a presença de Albuquerque, n'uma batalha, para propagar o panico no inimigo. Em Alcaicer-Kibir, o nosso pavor mais do que a força do adversario aniquillou o

exercito christão. Aljubarrota acabou tragicamente para os castelhanos por uma erupção de pavor. Ainda hoje, nas cidades, as victimas dos tumultos são sempre as victimas infelizes do panico. Nos recentes acontecimentos de 1 de dezembro, no Porto, a unica victima é ferida pelas costas. No incendio de theatro Baquet, o terror ceifou mais vidas do que o fogo.

Mas o que pôde surpreender o leitor é a revelação de que o medo é um agente therapeutico energico, de que o medo pôde tambem ser benéfico. Frequentemente, os medicos recorrem á ameaça para deter os progressos de varias doenças nervosas. Boerhaave curou uma epidemia pelo terror. Exercendo a clinica no hospital de orphãos de Halem, surgiu nas enfermarias uma epilepsia contagiosa. Vendo que os casos se multiplicavam, Boerhaave mandou collocar na enfermeria um braseiro, a cujas brasas poz a aquecer um arsenal de tenazes e pinças, declarando aos doentes que passaria a tratar os atacados com ferros em brasa. A epidemia cessou.

Herodoto conta que na tomada de Sardenha, o filho de Creso, que era mudo, vendo um soldado arremessar-se contra o pae, gritou: «Não o mates! E' Creso!» Mas casos como estes não bastam para rehabilitar o medo. O medo é uma enfermidade nervosa que prejudica e inutilisa o homem. Se a imaginação e os nervos são os unicos culpados do medo, para curar o medo torna-se indispensavel fortificar o systema nervoso e moderar a imaginação. E' este um regimen que carece de ser estabelecido na infancia. O homem é uma creança grande.

O medo cresce com a estatura. Uma creança medrosa dá um homem poltrão. O medo é uma inutilidade malefica. Educar pelo medo é destruir a coragem á nascença. Em Portugal, o recurso ao medo é vulgar. Torna-se necessario, antes que se deixe comprometter um povo inteiro, abrir uma campanha contra o absurdo processo educativo do *papão*. Em lugar de cultivar o medo, que faz os covardes, quanto mais nobre não é cultivar a energia, que faz os valentes; o desassombro, que faz os fortes; a coragem, que faz os heroes.

Aos homens tibios convém lembrar as palavras sublimes do bravo Turenne. Ao principiar cada batalha, o intrepido capitão era acometido de convulsões nervosas; a espada tilintava-lhe contra a ar-

madura, os pés dançavam-lhe nos estribos. Então, o valente e glorioso Turenne bradava:

«—Estas a tremer, carcassa? Mais tremarias ainda se soubesses para onde te vou levar!»

É apertando as esporas aos ilhaos do cavallo, arremessava a sua «carcassa» para os pelagos sanguinosos da refrega!

O exercicio physico fortifica o corpo e domestica-lhe os impulsos, tornando-o docil e obediente ás ordens imperiosas da intelligencia. Mas a educação physica, como perservativo do medo, não basta. Todos os dias vemos os pygmeus intrepidos vencerem os hercules covardes. O tratamento moral é indispensavel para preparar almas fortes em fortes corpos. Em vez de suggerir ás creanças toda a especie de chimeras e desenvolver-lhes exaggeradamente as faculdades imaginativas, habituemo-las a vêr as cousas como ellas são, a encarar a realidade com calma. E o processo effizaz de contrabalançar o medo é o que consiste em desenvolver os sentimentos da dignidade, da honra e do dever. Foi assim que Rousseau, ainda creança, obteve domar a timidez pelo amor-proprio.

Mas não se vá cair no excesso de cultivar em almas tenras o germen execravel do valentão e do espádachim. Não ter medo é uma nobre qualidade moral. Ser um estoura-vergas e um arruaiceiro, é ser, ao contrario, um elemento perturbador e odioso. O intemerato é o inimigo do atrevido. Na intrepidez, o excesso é sempre um prejuizo. Os tempos em que convinha ao homem desafiar o perigo, creal-o para ter a honra de o vencer, multiplical-o pelo prazer barbaro de o affrontar, desapareceram de ha muito. A fúropria guerra é hoje accete apenas como uma

necessidade terrivel, contra a qual se revolta a consciencia humana e contra a qual protestam as noções contemporaneas da justiça. Mas é preciso que o homem, mesmo condemnando-a, esteja preparado para a soffrer, com o sereno heroismo da coragem.

Hoje, como ha mil annos, não ter medo é uma virtude essencial ao homem e o apanagio viril do seu sexo. A vergonha não está em ser fraco, está em ser covarde. Eduquemos, pois, os nossos filhos, não na fanfarronada, mas na intemeridade.

O medo é a indicação, quasi sempre segura, de um desequilibrio nervoso, por isso mesmo curavel. Ao medo não é mesmo necessaria a consciencia do perigo para que se manifeste. O medo ataca-nos durante o proprio somno. Garcia de Rezende conta que D. João II, alta noite, se precipitava do leito, em trajos menores, brandindo armas, fugindo á sombra do duque de Vizeu, que lhe apparecia em sonhos, espectral e ensanguentada. A historia judicaria de todos os paizes regista crimes praticados sob a acção de pesadellos: crimes dos mais pavorosos, commettidos em pleno delirio imaginativo, pelas quaes nenhuma responsabilidade pôde exigir-se legalmente ao criminoso. Mas esta idéa de que o medroso pôde converter-se, inconscientemente, n'um assassino, deve bastar para terrificar os mais insensíveis e para condemnar o medo como a mais perigosa das enfermidades moraes.

O medo cura-se. Mais ainda: o medo evita-se. Nem só os epilepticos são refractarios ao medo. De toda a creança normal se pôde fazer um Nun'Alvares ou um D. Sebastião: esses prototypos da intrepidez na nossa raça.



NOS FAMPAS DO FAR-WEST — UMA MANADA DE BOIS E DE CAVALLOS BRAVOS FUGINDO A UM INCENDIO
QUADRO DE G. CAPGRAS



⊗ DA TRAGEDIA À REVISTA ⊗ DA COROA DO REI DE
MAGICA À SOBRECASACA DE LIBONNARD ⊗ UMA SCENA
NA NO BRAZIL

JOAQUIM D'ALMEIDA, que estudava pilotagem na aula do velho Moraes, ha uns cincoenta e tantos annos, rompeu um bello dia com os livros, entrou a enojar-se do mar e ao seu rugido preferiu os rumores, ás vezes bem mais procellosos, das platéas; sentiu-se attraído para o desconhecido, elle que fôra educado com destino ás viagens em grandes barcas veleiras, com carregamentos furtivos, a fim de viver a existencia d'um capitão mercante entre o céu e a agua, na sua ponte de commando. Com os seus rasgos escandecidos de impulsivo, ainda hoje bem seus, deliberou atirar-se á vida de actor e assim, a mal com os seus por se fazer comico, Joaquim d'Almeida, rapazote em cuja face a barba mal penunjava, se foi offerecer ao theatro das *Variedades*, um barracão hoje derruido, que se especava a meio do Salitre e onde á data se ensaiava a *Loteria do Diabo*, magica espalhafatosa e que metta muita gente.

Antonio Pedro, que larga-

ra, tambem attraído para a scena, o seu officio de pentecreiro, rondava famelico e bebedo de ideal nos bastidores, ansioso de mostrar a sua feisona carranca e o seu lindissimo talento.

O empresario tomou os dois, com o ordenado mensal de quatro mil réis e as velas para os camarins e fel-os estrear, á mesma hora n'essa magica, no quadro que se chamava *O reinado dos Ephemeros*.

Os dois *ephemeros* foram duas das mais legitimas glorias do theatro portuguez. Antonio Pedro, de ha muito apodrece no tumulo, elle o coveiro extranho do *Hamlet*, natural actor que tão bem dizia:

— *O craneo que aqui vedes é o do bobo do rei!*

O velho Joaquim d'Almeida, modesto no trajar, cheio da altivez rija d'um homem do povo que tudo deve a si proprio, espirituoso na conversa e sempre grande em scena, continúa a ser o Mestre na arte e o homem digno que prefere envergar o trajo espalhafatoso d'um rei comico em magica vil a sentir em volta de si, n'um primeiro theatro as nullidades a serem-lhe equiparadas.

Assim, com essa forte conducta de luctador e de grande artista, elle tem passado do D. Maria para o Kua dos Condes, d'este para o Trindade e logo para o Gymnasio, tem trocado o fardamento pangedo do *Baba Azul* pela sotaina grave do padre Bergeret dos *Lazaristas*, suas creações, tem deixado a sobrecasaca seria do Lebonnard, sua gloria maxima, pelo trajo comico de algum farcido de peça bufa. E faz sempre isto com a maior naturalidade, como um homem que onde chega é o primeiro com uma coroa na cabeça ou com um gabinardo russo, a rir ou a chorar, e



Joaquim d'Almeida



Joaquim d'Almeida no *Opé Lebonnard*

dizer estorçegantes phrases de tragedia ou a atirar ditos dubios de revista.

Ainda principiante, Joaquim de Almeida já tinha essa presença d'espirito, essa calma que o fazia grande na scena.

Assim, no *Variedades*, estando na platéa á espera de entrar n'uma comedia, que devia ser a ultima na ordem do espectáculo, ficou espantado quando ao erguer do panno viu a decoração d'essa peça em primeiro lugar e os seus companheiros em scena. D'um salto, atravessou pelas cadeiras, ante os espectadores pasmados, largou de corrida e appareceu no palco á sua deixa, sem caracterisação e sem o fato proprio da comedia, e por entre as risadas do publico, natural e firme, o joven actor fez o seu papel.

Mas ao mesmo tempo que guardava esta serenidade, vinham-lhe e veem-lhe ainda n'este momento os impetos que todo o homem do seu talento e da sua tempera não pôde conter ao sentir-se molestado.



Joaquim d'Almeida no *compère do Sarinho*, revista de Baptista Machado



Joaquim d'Almeida no *Sant'Alí da Lozeria Infernal*

de consagração e da sua tempera não pôde conter ao sentir-se molestado.

Representava-se o *Mignel Strogoff*, o theatro estava á cunha; lá em cima nos camarotes tres ou quatro foliões, sempre que elle entrava com o seu chicote e com a sua rajada cynica, soltavam gargalhadas como n'um acinte; quasi no fim da peça veiu-lhe uma subita colera, despiu-se rapidamente, agarrou com força o latego, sahiu do palco, galgou a escada-

ria e appareceu de chofre, no sitio d'onde o achincalhavam. N'um momento estava toda a gente de pé, lá em cima estalavam chicotadas, viam-se os homens junto á bocca do camarote buscando defender-se do rijo castigo que o actor lhes dava. Havia gritos, os aggredidos empunhavam cadeiras, até que elle, farto de retalhar-lhes as faces, sahia todo exaltado, ainda de chicote na mão, por entre o tumulto que se estabelecera.

Mais tarde, Joaquim d'Almeida foi ao Brazil: um seu amigo, commerciante abastado, convidara-o para almoçar e ao colloco-o á mesa, no lugar de honra, apresentou-o a um individuo que sorria gentilmente e lhe dizia de bom humor:

— Já o conheço ha muito por minha infelicidade...

— O que?

Accendeu-se-lhe a pupilla; ficou perplexo e o commerciante, com uma risada, explicou:

— Este meu socio foi um dos que levou as chicotadas...

— Oh!...

De mão estendida, o actor, desculpou-se e o outro á abraçal-o dizia:

— Fez o senhor muito bem... Nós tinhamos necessidade d'um correctivo... Eramos rapazes, não comprehendíamos ainda o orgulho d'um artista como o senhor... A' sua saude!...

E o Joaquim d'Almeida, todo vermelho, bebeu tambem, já sorridente, com coração aberto.



Joaquim d'Almeida na scena comica *O remador das galeotas*

PORQUE FOI PATEA-
DO O TASSO

UMA ESPEADEIRADA COMICA COMO UM GRANDE ACTOR NÃO SABE QUAL É A MÃO DIREITA O JOIA A BEXIGA DE PORCO E ANTONIO PEDRO O OLHO DE CAMÕES A ABRIR-SE

Mas enquanto ao ser troçado o grande actor assim castigava os que o feriam como homem, por vezes se curvou diante do publico, cheio de razão, ao que elle diz.

Tasso era o seu melhor amigo; contrascenavam varias vezes e sempre eram applaudidos. Esse actor era então uma das grandes glorias da scena, mas tinha enormes distracções.

Certa vez, tendo de dar a mão a Joaquim d'Almeida, esqueceu-se. A scena não podia continuar e o actor, muito em voz baixa, dizia-lhe:

—A mão, sr. Tasso, a mão!...

Atrapalhadamente, o grande artista balbuciou a olhar as mãos:

—O' filho, já nem sei qual é...

Joaquim d'Almeida poz-se a rir, Tasso tambem, e como aquelle levasse o bigode mal collado sentiu que elle se despegava. Continuavam as risadas e o publico, apesar do grande nome de Tasso, fez o seu rumor, que os aquietou.



Joaquim d'Almeida no *Santo Antonio*

No *Camões do Rocio*, Tasso fazia de D. João V e sempre que entrava em scena descarregava uma forte espedeira da em Joaquim d'Almeida, que o avisou:

—O' sr. Tasso, não me bata assim...

—Qual! Assim é mais ao vivo!...

E zús, redobravam as espedeiradas.

—Olhe que eu faço-lhe uma partida...



Joaquim d'Almeida no Trajano Pires do *Solar dos Barrigas*

gueza de D. Maria os pateava indignadamente.

Mas logo se deu outro caso com Antonio Pedro na peça *Camões e Jau*.

Antonio Pedro usava uns cabellos merovingios e românticos e para os conter sob as cabelleiras do theatro costumava tapal-os com uma bexiga de porco muito ajustada á cabeça, collocando-lhe por cima a guedelha da caracterisação.

Na parte mais intensa do acto, Joaquim d'Almeida, feito *Jau*, de joelhos aos pés do senhor, ouviu-o declamar n'um largo gesto:

Ribomba o canhão...

E de subito sentiu distinctamente um estalo.



Joaquim d'Almeida no Trajano Pires do *Solar dos Barrigas*

—Pois sim... Sempre quero vêi...

A' noite, quando a espedeirada vinha no ar, Joaquim afastou-se, a espada cahiu no chão e fez-se em duas, ao passo que o publico ria a bom rir.

Havia então em Lisboa um vendedor de cautellas que apenas usava sobre a pelle um grande gabão. Era um personagem comico das ruas que apregoava n'um estribilho tornado voga:

—Cá está esta rica joia...

Chamavam-lhe até o *joia*; o homem fôra a Roma a pé e voltara de grandes barbas, mais seraphico, e Lisboa inteira fallava d'elle.

Tasso, que tinha um dito qualquer n'uma peça em que contrascenava com Joaquim, ao fazer uma apresentação esqueceu-se do papel e disse:

—Cá está esta rica joia!...

De seguida desandaram ambos á gargalhada, recordando-se do vendedor de cautellas, ao mesmo tempo que a platéa bur-



Joaquim d'Almeida na peça *A Varina*,
de Fernando Caldeira

d'improviso, alguma grande vocação até agora por se mostrar.

COMO UM GRANDE ACTOR É ALLUMIADO N'UM ORATORIO
O PADRE BERGERET DOS LAZARISTAS
O PAPÁ LEBONNARD
UM ACTOR DA COMPANHIA NOVELLI DE CHAPEU NA MÃO
JOAQUIM D'ALMEIDA E A ACTUAL COMPANHIA DO IL. MARIA
UM GRANDE ACTOR

Quando Joaquim de Almeida arrebatou Lisboa com o padre Bergeret dos *Lazaristas*, que elle creou, pensou-se em correr todo o paiz para fazer uma propaganda anti-religiosa. O actor por toda a parte era levado em triumpho, era applaudido pela maneira como interpretava a personagem, esse padre que jamais esqueceu.

Logo, n'um contraste flagrante, Joaquim d'Almeida ia á provincia representar o *Santo Antonio* de Braz Martins; e tanta un-

Rompera-se a bexiga de porco. Os dois artistas puzeram-se a rir e, com o esforço, o olho que Antonio Pedro collara para dar um bom Camões, abria-se diante da platéa, que d'esta vez riu com os dois queridos artistas. E era assim que elles levavam a vida e se sagravam grandes actores n'aquelle tempo bohemio em que entravam a florescer as glorias de hoje, esses que serão insubstituíveis, a não ser que rompa ahí na scena d'agora,

tanta poesia dava ao papel do Santo que uma vez no Porto foi chamado com grande mysterio a uma casa de gente de certa ordem onde lhe appareceu uma veneravel senhora a dizer-lhe:

—Sr. Joaquim d'Almeida, quero pedir-lhe um favor... O senhor vae tirar o seu retrato vestido de Santo Antonio como faz no theatro...

—Com muito gosto, mas...

—Sim... E' que eu tenho ali no oratorio uma porção de santos de pau...

Não são nada; não tem expressão e substituo o santo pelo seu retrato... Ao menos sempre é um artista, uma expressão humana como a do beato Antonio...



Joaquim d'Almeida no *Fidalguinho*,
de Ferreira de Mesquita



Joaquim d'Almeida, *protrait-charge* de Raphael Bordallo Pinheiro
(aguarella) 25-12-1873

Joaquim d'Almeida tirou o retrato e assim passou a ser adorado entre duas velas altas, n'um magnifico oratorio, entre S. José e a Senhora das Dóres, cheio de vida, cheio de unção, feito santo esse que é um grande actor.

O *Papá Lebonnard*, que teve ente nós um exito colossal devido ao illustre artista, está ainda vivo nas imaginações. Desde a sua calma resignada na apparencia, dolorida no fundo, á explosão louca do ultimo acto vibrava-se com o actor. De tal maneira isso foi sentido que um dos primeiros artistas da companhia Novelli, assistindo á representação d'uma comedia qualquer no Gymnasio depois de ter visto o *Papá Lebonnard* e sendo apresenta lo por Telmo ao Joaquim de Almeida, entrou a felicitá-lo pelo desempenho da peça a que o grande actor não ligava importância de maior.

De repente, Telmo disse-lhe:



Joaquim d'Almeida n'Os Pimentas

representar revistas com tanto brilho como ao incarnar o typo humano do *Papá Lebouvard*; disse e foi de theatro em theatro, de cabeça levantada sempre, glorioso e altivo sem a dobrar a não ser diante dos applausos estridentes do publico, seu unico soberano, seu omnipotente senhor, unica realzeza para elle, mas uma realzeza que abdica em face da grande arte d'esse insigne artista, do Joaquim, com a idade d'um avôsinho e com o espirito caustico e vivo do mais endiabrado neto, com um riso de rapaz na sua bocca de velho, com um brilho intenso de novo nos seus olhos que ha sessenta e oito annos se abriram e choraram em scena desde ha cincoenta.

—E' este senhor quem faz tambem o *Papá Lebouvard*.

O artista italiano levantou-se de repente, tirou o chapéu, curvou-se e como na sua grande surpresa Joaquim de Almeida lhe pedira para tomar a sua cadeira, o outro volveu:

—Não... Assim de pé... O senhor é um Mestre...

Com effeito é assim, um mestre que foi conde corado com o habito de S. Thiago ao representar em Mafra diante d'el-rei, um mestre que ao ser chamado para se poder constituir a companhia do theatro Normal e ao imana-rem-no com outros actores de valor sim, mas não como o seu, pegou no chapéu e disse ao sahír impavido:

—Não sou cá necessario como julgava... Vejo pelo elenco que acabam de lér que ha aqui muitos actores de primeira ordem...

Disse e foi representar revistas com tanto brilho como ao incarnar o typo humano do *Papá Lebouvard*; disse e foi de theatro em theatro, de cabeça levantada sempre, glorioso e altivo sem a dobrar a não ser diante dos applausos estridentes do publico, seu unico soberano, seu omnipotente senhor, unica realzeza para elle, mas uma realzeza que abdica em face da grande arte d'esse insigne artista, do Joaquim, com a idade d'um avôsinho e com o espirito caustico e vivo do mais endiabrado neto, com um riso de rapaz na sua bocca de velho, com um brilho intenso de novo nos seus olhos que ha sessenta e oito annos se abriram e choraram em scena desde ha cincoenta.

Joaquim d'Almeida nas *Dois Bengalas*, aguarella de Raphael Bordallo Pinheiro — 1873

Mas por cada lagrima das suas, caudaes teem

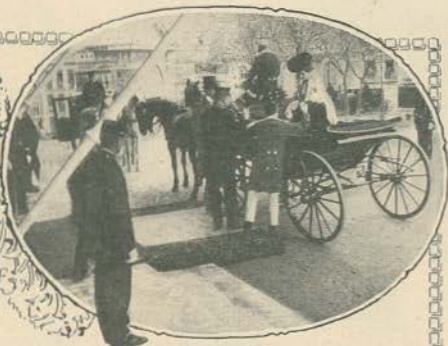
cahido dos olhos dos espectadores ao verem-no, como no *Papá Lebouvard*, chorar a valer, de mãos tremulas e pernas vergadas a fazer estender os seus soluços de velho por todo o theatro constrangido...

E' assim ardente e assim sentimental o meu velho Joaquim de Almeida...



ROCHA MARTINS.

Joaquim d'Almeida no conde Oscar do *Barba Azul* (1868)



CHEGADA DO MINISTRO DOS ESTADOS-UNIDOS DA AMERICA,
SR. CORONEL PAGE BRYAN,
ACOMPANHADO DE MISS BRIAN, AO PALACIO DAS CORTES



SUA ALTEZA O
PRINCEPE REAL
D. LUIZ FILIPPE,
COM A BANDEIRA
DO REGIMENTO
DE LANCEIROS 2
DA RAINHA



PELOTÃO DA GUARDA
MUNICIPAL AGUAR-
DANDO A CHEGADA
DE SUAS MAGESTA-
DES - A S. BENTO

O SR. MARQUEZ DE POMBALE CHEGANDO
A S. BENTO
A REVISTA DAS TROPAS



UN ASPECTO DO LARGO DAS CORTES
ANTES DA CHEGADA
DE SUAS MAGESTADES





A CHEGADA DE MONSENHOR JULIO TONTI, NOVO NUNCIÓ DE SUA SANTIDADE, A S. RENTO, EM COMPANHIA DE MONSENHOR BOVIKRI, AUDITOR DA NUNCIATURA, E DO SEU SECRETARIO



CHEGADA DO COCHE QUE CONDUZ O SENHOR INFANTE D. AFFONSO, QUE NA CERIMONIA DA ABERTURA DAS CORTES DESEMPENHA O PAPEL DE CONDESTAVEL



A CHEGADA DE UMA DAMA DE SUA Magestade a Rainha ao PALACIO DAS CORTES



O REGIMENTO DE LANCEIROS DA RAINHA, QUE ESCOLTOU O COCHE REAL E ONDE SE VÊ SUA ALTEZA O PRINCEPE REAL COM A BANDEIRA DO REGIMENTO

SUAS Magestades OS REIS DE PORTUGAL ENTRANDO NO EDIFICIO DAS CORTES





A EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS FEMININOS NO PALACIO DOS CONDES DE MAGALHÃES

A *Ilustração Portuguesa* não mereceu a honra de um convite á illustre comissão de senhoras organisadora da recente e interessantissima exposição de trabalhos femininos, aberta no dia 5 de janeiro no antigo palacio dos condes de Magalhães.

Não podia, porém, este facto servir de pretexto á *Ilustração Portuguesa* para deixar de archivar nas suas paginas este grande acontecimento mundano, organizado por algumas das mais illustres senhoras de uma classe que mantem, inalteravel, o requintado culto da antiga gentileza, apanagio ainda das aristocracias.

Duplamente nobre pelo seu piedoso intuito e pela hierarchia social das suas promotoras, a exposição de labores femininos revelou-nos quanto se conserva, apesar das mil distrações da vida moderna, a tradição galante e fidalga do bastidor e da agulha no lar portuguez. Mãos de aneis dispuzeram na galeria do pa-

lacio, annexa ao salão de baile, com essa sciencia requintada do adorno em que a mulher é inexcedivel, mil preciosidades frageis e delicadas que outras mãos femininas laboriosamente haviam executado em rendas,

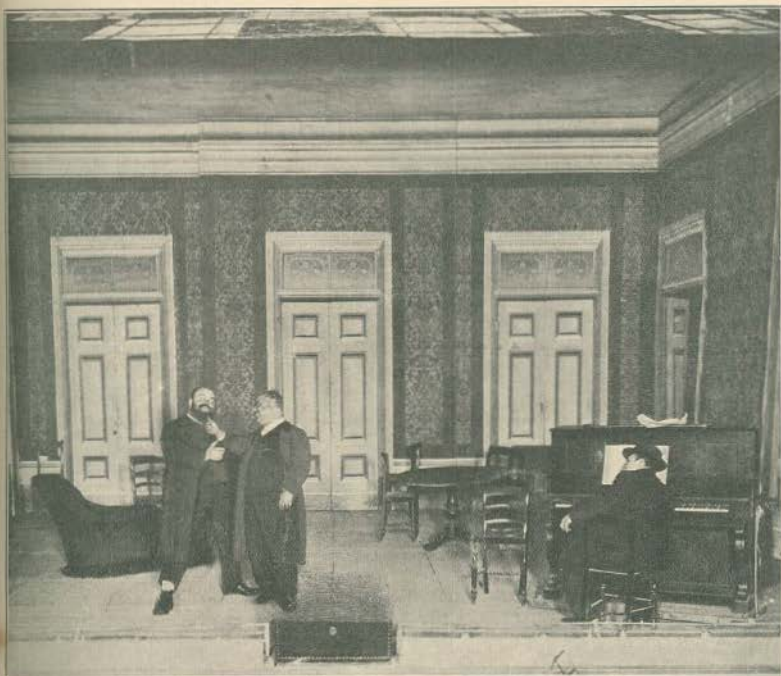
em bordados em branco e a matiz: toda a arte sobrevivente d'essas historicas industrias domesticas, com que a patricia romana e bysantina, a nobreza feudal e depois os conventos tão poderosamente concorreram para os deslumbrantes luxos sacros e profanos do passado.

Durante os quatro dias e noites em que se conservou aberta, a exposição foi um *rendez-vous* mundano, a que concorreu tudo quanto Lisboa conta de illustre e de distincto. A idéa graciosa de animar com um chá servido por senhoras a linda exposição, á semelhança do que se faz em Londres, em Paris e em Roma, veio ainda imprimir-lhe um raro caracter de distincção.





ALGUNS ASPECTOS DA EXPOSIÇÃO DE LAVORES FEMININOS, ABERTA NO DIA 5 DE JANEIRO NO ANTIGO PALACIO DOS CONDES DE MANGALHÃES, À RUA DE S. JOSÉ



N'UM ENSAIO GERAL DO «MAESTRO MALAPATA»

O MAESTRO MALAPATA

Farça lyrica em 1 acto, de D. Francisco de Sousa Coutinho (Chico Redondo), representada no theatro do Gymnasio na noite de 3 de janeiro

CHICO Redondo, o grande fidalgo, o grande cantor e o grande bohemio, de quem a *Illustração Portuguesa* publicou ha poucos numeros a biographia interessantissima, fez representar — e representou — na noite de 3 de janeiro, no theatro do Gymnasio, a sua primeira obra de compositor. Se o seu nome já illustre pelo sangue não obteve um logar de honra entre os maestros portuguezes, que desde Marcos Portugal a Alfredo Keil honram a nossa scena lyrica, o seu triumpho como bohemio foi, mais do que extraordinario, assolador e decisivo como uma conquista pela força. Chico Redondo conseguiu fazer do *Maestro Malapata* uma d'essas mystificações que dão a gloria a um homem de espirito, decidido a espantar, a desorientar, a aturdir a opinião publica. No seu genero, o *Maestro Malapata* é uma obra-prima. Ninguém conseguiu formar sobre elle um juizo exacto. A critica sahio do theatro *aux abois*. Os jornalistas entraram nas redacções sem saber por onde principiar uma noticia singularmente difficil de escrever. Os espectadores sahiram do theatro interdictos, receiosos e perplexos. N'aquella musica de quem toca ao piano com um dedo só, havia contudo a inspiração he-

reditaria de um neto do conde de Redondo. E no meio de toda a voluntaria desorientação da obra inclassificavel, com aquelle grande fidalgo obeso a dançar o tango, ouviz-se por vezes a doçura acalmadora de uma voz resoante e harmoniosa, que vinha resgatar aquelle desvario e pôr, de repente, uma nota de arte no charivari dos risos e das palmas.

Um dos nossos criticos theatraes de mais competencia, poeta consagrado e homem de espirito como poucos, conseguiu escrever da farça lyrica de Chico Redondo as linhas que a seguir transcrevemos, como um originalissimo documento... de desorientação:

«Ha dias que muito se falava na farça *O Maestro Malapata*, de Francisco de Sousa Coutinho. Nos cafés, nas «caixas» dos theatros, nos centros bohemios, Chico Redondo tinha descripto largamente a sua idéa: primeiro imaginára uma peça em 3 actos, o primeiro representado no Avenida, o segundo na Trindade e o ultimo no Gymnasio, todos na mesma noite. Era originalissimo, como se vê, mas provavelmente o distincto barytono encontrou difficuldades na realisação de tal maravilha, e reduziu a peça a um acto unico, sem contudo desaproveitar o pensamento fundamental, que era este: assombrar! *épa-*

cer, permitta-se-nos o francez, por excepção. E assombrou.

O *Maestro Malapata* não é peça que se descreva; é uma estranha e mirabolante composição de alta phantasia, capaz de desorientar os mais prevenidos contra todas as surpresas. Entrechtó? dispensou-o o auctor.

O que Chico Redondo não dispensou foi muita alegria, um invejavel bom humor dividido em fortes doses por pedaços de musica ultra descriptiva, por dialogos culinarios, *cake-walks* desengoçados, amores exóticos, prodigios de prestigitação, effeitos diabolicos, o que tudo sommado parecerá ao leitor tão fóra d'este mundo sub-lunar, como nós pareceu a nós — e mais temos visto prodigiosas coisas!

Ah! outra coisa ainda conseguiu Chico Redondo, e essa de summa importancia: foi ter uma enchente



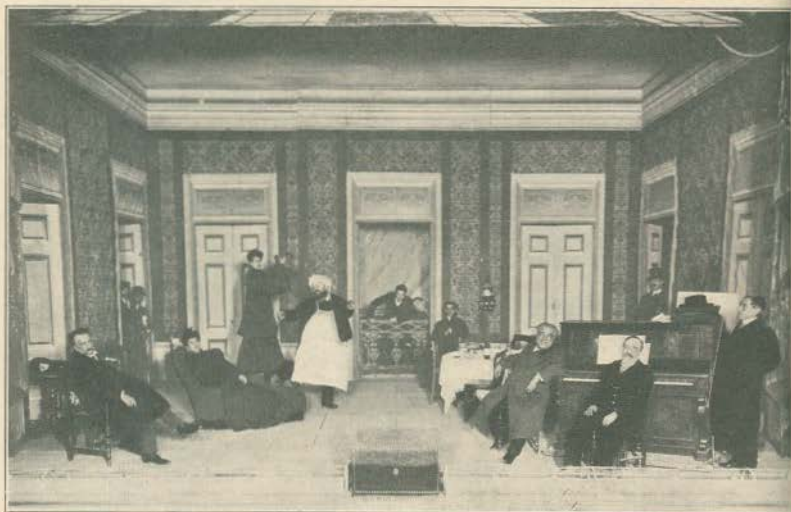
D. FRANCISCO DE SOUSA COUTINHO (CHICO REDONDO) AUCTOR DA FARÇA LYRICA «O MAESTRO MALAPATA»

à cunha, nos camarões e platéa a melle frequencia de S. Carlos, a alta fidalguia, alta finança, a alta critica, levadas ali pelas muitas sympathias que é merecedor d'um excellente bohème, cujos meritos como cantor e bom caracter ninguem pôe em duvida. Por isso se applica tambem que elle vesse para a sua fama uma bella orchestra de professores, dirigida pelo maestro Manoel Benjamim, e para o desempenho a cooperação de Cardoso, Rosa de Andrade e outros artistas distinctos do theatro do Gymnasio.

Em summa: applausos em barda, grande exito de gargalhadas, boa receita e de vez em quando um *frisson* — vá lá mais francez — nos espectadores.

Imaginem que Chico Redondo, n'uma das scenas, até chegue a comer peixes encanados, crus!

E dito isto, está dito tudo.



UMA SCENA DO «MAESTRO MALAPATA»



A ACTRIZ PALMYRA BASTOS NAS «VIAGENS DE GULLIVER», EM SCENA NO THEATRO D. AMELIA

ARMORIAL PORTUGUEZ

PAR
H.C. AMADO



Baião

Em campo de ouro, duas cabras
negras, possantes.

Timbre: Uma das cabras.



Bandeira

Em campo vermelho, uma bandeira
de ouro franjada de prata, com um
leão azul armado de sanguinho; e a
bandeira enfiada em uma haste de
ouro com os ferros da sua cor.

Timbre: A bandeira do escudo.



Baldaia

Em campo de prata, quatro rosas
vermelhas acantonadas, cada uma
com duas folhas verdes no pé, e, no
centro, uma flor de liz azul.

Timbre: Uma das rosas do escudo
com uma flor de liz de ouro no cen-
tro d'ella.



Baracho

Em campo vermelho, um leão de
ouro armado de prata, entre quatro
pombos de prata, volantes e canto-
nados.

Timbre: o leão do escudo.

ZENITH

CHRONOMETRO

O melhor relógio em ouro, prata e aço

O unico que em dois annos conseguiu impôr-se a todas as outras marcas

A VENDA EM TODAS AS RELOJOARIAS E OURIVESARIAS DO PAIZ

NESTLÉ

FARINHA LACTEA

32 medilhas de ouro incluindo a conferida na Exposição Agrícola de Lisboa

Preço 400 réis

Somatose

Reconstituinte de primeira ordem.

Estimula fortemente o appetite.

Farbenfabriken vorm. Friedr. Bayer & Co., Elberfeld.

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard

Iliz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez; pelo estudo que fez das sciencias, chiromancia, phrenologia e physio. somonia e pelas applicações practicas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrus e d'Arpignolley.

Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos e illustres da mais alta categoria, a quem prediz a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite, em seu gabinete, 43, Rua do Carmo, sobre-loja. Consultas a 10000, 20000 e 50000 réis.

RELOGIO VULCAIN

HORA EXACTA

Agua mineral do Monte Banzão

COLLARES

PEÇAM EM TODA A PARTE

R. Arco Bandeira, 216, 2.º LISBOA

AS MELHORES CHARUTOS DA ACTUALIDADE

FUMEM OS CHARUTOS

Republicanos	30 réis
Congressistas	30
Regeneradores	30
Marianos	50
Navarros	60
Águila	60
La Corona de Hespanha	100

À venda em depozitos e tabacarias de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Santarém, Castello Branco, Guarda, Faro, Evora, Leiria, etc.

UNICO IMPORTADOR Alfredo Alves Martins

153, Rua da Palma, 155 - LISBOA

RUA DO OURO, 110

Esquina da R. de S. Nicolau

Succursal do LISBOA

Almanach Illustrado d'O SEculo PARA 1907

A venda em todas as livrarias e kiosques de Lisboa, Porto e provincias

A mais importante casa de automoveis em Portugal

A. BEAUVALET & C.^{TA}

Representante de PEUGEOT a mais afamada marca de automoveis — Praça dos Restauradores, Lisboa

NOVO DIAMANTE AMERICANO

RUA DE SANTA JUSTA, 96 — JUNTO AO ELEVADOR

A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A única que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro diamante. Anéis e alfinetes a 500 réis, brochos a 300 réis, brincos a 1500 réis — par. Lindos collares de perolas a 1500 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro de lei. Não confundir a nossa casa.



Bicyclettes

A casa «Simplex», a que mais barato vende, acaba de receber de Inglaterra um completo sortimento de bicyclettes e accessorios que se vendem a preços sem competencia. Bicyclettes «Simplex», «H. S. A.» e «Linas». Recebem-se nova remessa da nova marca de bicyclettes «Imperial», ultimamente adquirida por esta casa e que tão ilustre acabitamento tem tão devida não só a sua elegancia e boa qualidade de fabrico e de todos os accessorios como bem esmaltada e de quadro tracejado que se vendem a preços sem competencia. Grande sortimento de protectoras, engrenagens, lanternas, correntes, etc., etc. Já está em distribuição o novo catalogo de 1906-1907. Desenhos para revender. J. Castello Branco, rua do Socorro, 45, e rua de Santo António, 22 e 24 — Lisboa.

ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA Numero do Natal

COLLABORAÇÃO DOS MAIS ILLUSTRES ESCRIPTORES PORTUGUEZES

PAGINAS A COREE

ILLUSTRAÇÕES DE SANTOS SILVA

COMPOSIÇÃO EM ELZIVIR ITALIANO

UM VOLUME DE 84 PAGINAS 100 RÉIS

À venda nas livrarias, tabacarias e kiosques de Lisboa, Porto e Coimbra, e em todas as terras onde O SEculo tem agencias

Não promptamente satisfeitos os pedidos acompanhados da respectiva importância a qual póde ser enviada em estampilhas a

Administração d'O SEculo — Lisboa